

TRADUÇÃO E GRAMÁTICA

Beatriz Fernandes Caldas (UERJ)
beatrizcaldas@terra.com.br

Em nosso trabalho, abordamos a questão da gramática e tradução. Por um lado, resgatamos a imbricação histórica entre o processo de tradução no Ocidente ao longo da Idade Média e sua associação ao estudo da gramática latina e emergência de gramáticas nacionais (AUROUX, 2001). É bem sabido que a cristianização foi a mola propulsora da disseminação da cultura europeia e a operacionalização desse processo seguiu os passos da tradução da *Bíblia*. Segundo Auroux (*op. cit.*) o processo de tradução da *Bíblia* acompanha o aparecimento das gramáticas nacionais europeias e a constituição de dicionários. Imaginemos as dificuldades do latim como língua estrangeira para a maior parte dos povos que viriam a constituir as nações europeias. Entender o texto religioso em latim exigiria que o leitor estudasse primeiramente a gramática da língua latina. Uma vez dominada a gramática e a compreensão do texto bíblico, surgiria a tradução do texto para o vernáculo, e ao longo desse processo de tradução emergiam os dicionários e paratextos, ou seja, outros textos versando sobre a própria *Bíblia* e lançando comentários e interpretações do texto sagrado. Todo esse aparato sem dúvida se completava com a composição de uma gramática do vernáculo, que emprestava poder às nações europeias à medida que se constituíam. A partir dessa associação entre gramáticas, dicionários, tradução e expansão cultural, debruçamo-nos sobre as questões que dizem respeito a nosso país, à nossa tradução e a sua relação com a língua portuguesa do Brasil, sua história e suas gramáticas. Segundo Gallo (1992), a língua portuguesa no Brasil é autorizada e não exatamente legitimada. Cremos, portanto, que os desdobramentos dessa relação sujeito, gramática, nação no Brasil tenham desdobramentos na prática da tradução. Nosso trabalho é procurar entender quais são e como operam entre nós esses desdobramentos.